

Quando a história recomeça*

Daniel Afonso da Silva**

FUKUYAMA, Francis. *Political order and political decay: from the Industrial revolution to the globalization of democracy*. London: Profile Books, 2014, 658p.

The end of history? (*The national interest*, Summer, 1989) marcou a vida e o destino de Francis Fukuyama. O público reagiu a ambos, *paper* e autor, de modo apaixonado. Muita vez virulento. Partidários de esquerda e do regime soviético consideraram-lhes panfleto e panfletário a serviço de tacanhos interesses norte-americanos. Céticos da eficácia do *democratic way of life* condenaram-lhes por cinismo e irrealismo. Os Estados Unidos da América e sua democracia não estariam em medida de dar lição. Críticos mais carbonários, entre os quais muitos brasileiros, afirmariam simplesmente não ser em nada o fim da história, mas o fim da picada.

Das diversas respostas de Fukuyama, *The end of history and de last man* (New York: Macmiliam, 1992) foi a mais completa e decisiva. Malgrado a força de seus argumentos, seus detratores continuaram condenando sua interpretação, muitos na base do frequente “não li e detestei”. Entre historiadores, aspirantes e iniciados, pareceu inadmissível que a história pudesse ter fim. Pouco adiantou Fukuyama explicar a todos não se tratar do fim dos acontecimentos, dos eventos, do fluxo da vida, mas o término de certa concepção da história. Certa macroideia do tempo vivido. Nada valeu lembrar que o *paper* possuía uma interrogação no título e seu objetivo era debater os cenários possíveis após o desaparecimento do conflito leste-oeste. Somente o efeito de *The clash of civilizations – paper* em 1993, livro em 1996 –

* Resenha recebida em 24/04/2015. Aprovada em 12/06/2015.

** Doutor em História Social pela USP, São Paulo/SP, Brasil. Pesquisador no Ceri-Sciences Po, Paris, França. E-mail: daniel.afonso66@hotmail.com

de Samuel Huntington – outro autor desconsiderado pelos diversos cleros universitários – amenizaria a demonização de sua análise e de sua pessoa.

O tempo passou. A história continuou. Veio o 9/11.

Todo tipo de análise e esforço foi mobilizado para entendê-lo. A Francis Fukuyama e ao seu fim da história também se recorreu. Os mais diretos aferiam os ataques aos Estados Unidos em 2001 como justamente a revanche da história, ou melhor, daqueles postos sensivelmente fora do fim da história de Fukuyama. A saber, os árabes e seu mundo árabe. Os mais discretos propunham ter chegado o momento de se por determinadamente fim na história impondo, custasse quanto custasse, a democracia liberal a todos os povos. A guerra ao terror do presidente Bush foi simplesmente parte desse processo.

O tempo continuou passando. A história também. Veio a primavera mediterrânea de 2010-2011.

O mundo árabe, da Tunísia ao Egito à Líbia à Síria ao Yémen, entrou em protesto reivindicando regimes democráticos e liberais. Mais uma vez se impôs saber as razões. Mais uma vez Francis Fukuyama e seu fim da história foram mobilizados. Agora para dar-lhes razão. A democracia liberal parecia obsessão universal. Fukuyama, claro, entrou em regozijo. A história lhe dera razão. Mas os moinhos de seus interesses intelectuais tinham dado muitas voltas depois de 1989.

Trust: The Social Virtues and the Creation of Prosperity (New York: Free Press, 1995), *The Great Disruption: Human Nature and the Reconstitution of Social Order* (New York: Free Press, 1999), *Our Posthuman Future: Consequences of the Biotechnology Revolution*. (New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002) foram algumas demonstrações dessas viragens. Com *State-Building: Governance and World Order in the 21st century*. (New York: Cornell University Press, 2004) e *Falling Behind: Explaining the Development Gap between Latin America and the United*

States (Oxford: Oxford University Press, 2008) ele retomaria discretamente as premissas de *The end of history?*, mas agora em perspectiva ainda mais abrangente e global incorporando efetivamente questões éticas, genéticas e bioéticas.

Essas operações – enfoque mais abrangente e mais global – resultariam em seus recentes *Origins of political order: from prehuman times to the French revolution*. (New York: Farrar, 2011) e *Political order and political decay: from the Industrial revolution to the globalization of democracy* (London: Profile Books, 2014).

Demonstrar que “*le passé a toujours son mot a dire*”, como dizia o eterno Fernand Braudel, parece ser o objetivo permanente de Fukuyama nessas obras. Muito diretamente nesta última.

Political order and political decay acolhe como referência o clássico *Political order in changing societies*, de Samuel Huntington, saído originalmente em 1968. Sua prioridade consiste em corroborar a premissa de Huntington que admite que “*political development was a separate process from economic and social growth, and that before a polity could be democratic, it had to provide basic order*” (p. 7). Seus 36 capítulos, distribuídos em quatro partes – 1) *The State*, 2) *Foreign institutions*, 3) *Democracy* e 4) *Political decay*, – mobilizam histórias nacionais e globais de diversos países de todos os continentes a fim de demonstrar escolhas políticas que levaram países ao sucesso ou ao fracasso estruturais.

Navegando nas sendas abertas por Max Weber, sua premissa nuclear reside na distinção das nações a partir de sua capacidade de racionalizar e despersonalizar sua burocracia, seu estado e suas relações sociais. Seus exemplos mais convincentes residem no tempo presente.

As dificuldades financeiro-econômicas de países como a Grécia e a Itália durante a crise financeira de 2008 estariam baseadas em suas incapacidades históricas de subversão da impessoalidade e do clientelismo.

Isso explicaria seus níveis altíssimos de corrupção, violência e improcedência no trato da *res publica*. Países como os Estados Unidos, Dinamarca, China, Noruega e Finlândia não necessariamente são absolutamente racionais e incorruptíveis, entretanto, conseguiram minorar drasticamente o efeito do clientelismo e do patrimonialismo e, no presente como no passado, teriam superado mais rapidamente e melhor suas crises.

Muitos países da América Latina, da Ásia e da África conseguem figurar abaixo do aceitável no quesito razão do Estado. Mesmo dispendo de potencialidades – vide o caso da Nigéria (pp. 217-226) – parecem impotentes diante de sua própria história. Mas grande paradoxo vem sendo verificado neste início de século XXI.

O primeiro decênio do século correspondeu ao momento dos países ditos emergentes. Os movimentos da economia mundial favoreceram-lhes todos. De sul a sul. Na maior parte deles – nalguns mais, noutros menos – se verificou importante diminuição de desigualdades econômicas e sociais. Esse fenômeno deu acesso à ascensão da *new middle class*. Essa nova classe média observada da China à Patagônia segue destituída das componentes intelectuais da classe média tradicional. Mas ela foi a protagonista de todos os movimentos de protesto a partir de 2008. Ela engrossou todos os *occupy* mundo afora. Ela estivera presente na dita primavera árabe iniciada na Tunísia em fins de 2010. Ela fora o centro dos acontecimentos brasileiros de junho de 2013. A partir da crise financeira mundial, a *new middle class* começou a perceber seus benefícios esmaecendo. Seu horizonte de expectativa foi perdendo alcance. Rebelar-se contra o Estado e/ou regimes políticos foi sua maneira de expressar sua angústia.

Esses e outros raciocínios e alusões apresentados por Francis Fukuyama não necessariamente consistem em novidades. Niall Ferguson em seu *The great degeneration* e Why nations fail de James Robinson & Daron

Acemoglu, para ficar em apenas dois casos recentes e decisivos, repassam esses mesmos temas e problemas com inestimável brilhantismo. Mas a força do estudo de Fukuyama em seu *Political order and political decay: from the Industrial revolution to the globalization of democracy* reside no convite à reflexão histórica.

As razões históricas do *political decay* representam seu mais forte argumento, Especialmente quando Fukuyama vai demonstrando que mesmo países como os Estados Unidos, que conseguiram suplantar o clientelismo e o patrimonialismo e fundar instituições consistentes e racionais, não estão isentos da possibilidade de retrocesso.

No caso norte-americano, esse *decay* segue crescente. Não apenas pela corrupção ambiente, Mas pela ineficácia ascendente das instituições. Instituições tradicionais como agências reguladoras, para ficar apenas num exemplo, passaram a ser amplamente contestadas e identificadas como reduto de corrupção e desmando. Isso parece inaceitável aos cidadãos num regime democrático que preza a *accountability* do Estado como deveriam ser os Estados Unidos.

Por viver em democracia, os Estados Unidos provável consigam reverter esse *decay*. Para tanto – e essa parece ser a maior contribuição de Fukuyama – necessitam restituir seu futuro lançando mão de uma mirada mais consistente se sua própria história fazendo-a recomeçar. Essa afirmação da necessidade de recomeço parece ter sido a melhor maneira de reconciliação entre seu fim da história e a história.

